

Conclusão

A análise da correspondência entre o mito de Hesíodo e *Daniel 2* se mostrou bastante profícua. As semelhanças em termos de moldura e gênero literário se devem, sobretudo, às fontes das quais ambos os escritores hauriram.

O elo que os liga se dá a partir do *esquema das fases sucessivas* da humanidade, o qual o redator de *Daniel* combina com o *esquema dos quatro reinos seguidos por um quinto que não tem fim*.

Obviamente, cada um deles o utilizou com propósito específico, levando em conta seu marco social próprio. Hesíodo está refletindo sobre sua realidade campesina, revelando já um avanço da cosmovisão mítica em direção ao pensamento racional. Sua preocupação é o tema da justiça, a qual vem de Zeus⁷⁴¹; sua teologia, então, se dá a partir do pensamento mítico-cosmogônico presente já em sua obra anterior, a *Teogonia*.

Nas abordagens que vimos em relação ao texto de Hesíodo, os principais autores que postulam cada uma delas (Martin West e Jean-Pierre Vernant) diferem justamente por possuírem referenciais teóricos diferentes: o primeiro parte de uma abordagem fenomenológica, ao passo que o segundo de uma abordagem estruturalista. Sob o ponto de vista do texto como se nos apresenta hoje, a abordagem representada por Vernant tem muitos méritos; entretanto, uma análise do texto pelo método histórico-crítico revela ser a abordagem de West mais adequada. A de Vernant, por enfatizar a estrutura, parece, como vimos, forçar o texto em alguns pontos, além de, às vezes, chegar a conclusões que fogem ao alcance material dele, como o caso do tempo cíclico (pelo menos em relação ao *mito das cinco raças*).

Já o redator de *Daniel 2* reflete sobre a questão do povo de YHWH sob o julgo da dominação estrangeira. Diferentemente da linha profética mais tradicional, ele se utiliza, pelas razões que expomos, de um gênero já bastante desenvol-

⁷⁴¹ Por isso, é comum aproximar Hesíodo ao profeta judeu Amós: ambos possuem condição social semelhante, teriam vivido na mesma época (um na Grécia e o outro no Israel bíblico) e pleiteiam o direito dos injustiçados e oprimidos. A diferença é que, ao passo que Amós fala como profeta em nome do Deus de Israel expressando a vontade desse Deus a toda uma nação, Hesíodo é antes de tudo um poeta, porta-voz das Musas, reivindicando uma prática “jurídica” inspirada na justiça de Zeus para o seu caso específico, ampliando essa reivindicação para seus contemporâneos. De qualquer forma, a analogia merece consideração (cf. AUBRETON, Robert. *Introdução a Hesíodo*, p. 15, 35 e 69).

vido nessa época, o *apocalíptico*, com suas características específicas. Nisso, como vimos, ele também se aproxima de Hesíodo.

Se o contato com o esquema comum se deu no período helenístico⁷⁴², é bastante plausível afirmarmos que o redator de *Daniel* teve contato com esse esquema a partir da obra de Hesíodo, como ocorreu com os romanos. Assim sendo, Hesíodo teria, de fato, influenciado diretamente *Daniel 2*.

Pelo que expomos, o uso das características literárias apocalípticas pelo redator de *Daniel* foi necessário e natural. No entanto, pelo menos para o caso de *Daniel*, devemos ser comedidos em relação à tese muito comum na América Latina, por exemplo, de que o uso do gênero apocalíptico era uma forma de velar o conteúdo subversivo de seus escritos: “Para não ser preso e o livro não ser eliminado, o autor usa um meio de dizer as coisas de modo que só os que são perseguidos entendam”⁷⁴³. O que pode ser aplicado ao *Apocalipse* de João, no NT, não se aplica, por exemplo, a *Daniel 2*: vimos que o dualismo remetia o autor a uma era escatológica, sem embate direto com o poder dominante; vimos também que as tentativas de associar o redator de *Daniel* a grupos radicais como os *maskilim* dos macabeus careceram de melhor argumentação; vimos ainda que, na provável época da redação do relato do *sonho da estátua compósita*, os judeus viviam em relativa tranquilidade com o poder dominante.

É muito provável que o relato de *Daniel 2* tenha servido como propaganda política (muito comum no uso do *esquema dos quatro reinos seguidos por um quinto que não tem fim*, na época helenística); entretanto, sua mensagem era sobretudo de fidelidade e incentivo aos judeus da diáspora. Da conjugação desses dois fatores surge a idéia presente em certos segmentos da *Teologia da Libertação*, afirmando, a partir do livro de *Daniel*, que o embate deve ser efetivado na situação política das Américas Central e Latina, idéia presente, por exemplo, em J. Severino Croatto, Pablo Richard, Juan Snoek e Uriel Molina⁷⁴⁴; esses autores fazem uma releitura hermenêutica dos textos de *Daniel* com o fim específico de aplicação do tema ao continente americano, o que, certamente, tem sua validade.

O tema da injustiça está presente, de certa forma, em *Daniel 2* (o último

⁷⁴² Cf. a p. 187 deste trabalho.

⁷⁴³ PEREIRA, Ney Brasil. Os escritos apocalípticos. In: TERRA, D. João E. Martins. *O apocalipse de João*. Revista de Cultura Bíblica, nº 91/92, p. 29.

⁷⁴⁴ Cf., por exemplo, os artigos desses autores em RICHARD, Pablo (Ed.). *Apocalíptica. Esperança dos pobres*. RIBLA, nº 07, 103 p.

reino é o reinado justo de YHWH, prometido pelos profetas); está presente também em Hesíodo: daí termos mencionado a *intertextualidade temática* de *Daniel* em Hesíodo⁷⁴⁵.

Entretanto, deve-se ressaltar que Hesíodo tem seu foco voltado primeiramente para trás, para a história passada, ao passo que em *Daniel* a *Era de Ouro* é colocada na época do personagem, o Império Babilônico (*profecia ex-eventu*, ausente, como vimos, em Hesíodo), constituindo-se esse presente como ponto de partida para o futuro. A série de fases sucessivas em *Daniel* começa com o exílio dos judeus e conduz ao reino de YHWH; ele não usa o esquema, como Hesíodo, para a *história universal*, mas a partir de um *ponto de partida particular*.

No poeta grego, os períodos são sucessivas condições lendárias da humanidade; em *Daniel* (2 e 7), são períodos históricos de dominação imperialista.

De qualquer forma, os pontos de contato entre o mito de Hesíodo e *Daniel* 2 são muitos e evidentes para serem considerados obras do mero acaso, como já assinalamos.

Enfim, esperamos que a contribuição dada neste trabalho tenha sido relevante para os interessados no tema. Esperamos, também, que outros trabalhos surjam, contribuindo para um conhecimento cada vez maior acerca do assunto.

⁷⁴⁵ Cf. a p. 14, na introdução deste trabalho.